Av. Paulista tem nova agressão a gays; centro concentra ataques homofóbicos

Jovens foram espancados na esquina com a Brigadeiro; estudo inédito, com base em 316 denúncias, revela perfil de vítimas e agressores

Ao saírem da danceteria GLS Tunnel, na madrugada de sábado, Gilberto Tranquilino da Silva sugeriu ao amigo Robson Oliveira de Lima, em tom de brincadeira, que fossem embora de táxi para não apanhar na Avenida Paulista. Mas, pouco depois, enquanto andavam abraçados, foram abordados e um deles acabou espancado. A região central de São Paulo, que inclui a Paulista, é a que mais concentra ataques homofóbicos, conforme estudo inédito obtido pelo 'Estado'.

Após novo ataque, a Polícia Militar promete agora reforçar o policiamento na área. A Prefeitura também estuda medidas para a região, com base em um mapeamento dos ataques por bairros que deve ficar pronto neste mês. O estudo foi realizado com base nas 316 denúncias recebidas pelo Centro de Combate à Homofobia da Coordenadoria de Diversidade Sexual (Cads) entre julho de 2006 e dezembro de 2009.

Nas 50 situações de violência física relatadas, 20% são em casa, 2% no trabalho e 78% no espaço público. Conforme o perfil levantado, as vítimas normalmente têm entre 25 e 39 anos. São casos semelhantes ao do ex-presidente da Associação da Parada Gay, o transexual Alexandre Peixe, que tinha 15 anos quando foi espancado por 20 homens em uma casa noturna. "Eles me diziam que se eu quisesse virar homem, deveria apanhar como um." Peixe lembra que foi considerado culpado pelos policiais que o socorreram e levou bronca em casa, por brigar na rua.

● **Revolta**

GILBERTO TRANQUILINO DA SILVA
VÍTIMA
"Não querem mais ver gay na Avenida Paulista"

A expectativa da Prefeitura é usar os dados da pesquisa para trabalhar todas as políticas públicas voltadas para homossexuais. Já para 2011 será feito um trabalho de conscientização em escolas e hospitais localizados na Subprefeitura da Sé – onde está o foco principal das denúncias.

Mãos dadas. No caso de anteontem os agressores, segundo Silva, eram de cinco a seis jovens, todos com pouco mais de 18 anos. Entre eles havia duas mulheres. "Fiquei indignado, ninguém pode mais andar de mão dada", afirmou o atendente de telemarketing.

Silva e Lima, ambos de 28 anos, disseram ter deixado a boate, na Rua dos Ingleses, na Bela Vista, por volta das 5 horas. Subiram a Avenida Brigadeiro Luís Antônio e chegaram à Paulista. Como Lima andava com dificuldade, por estar bêbado, Silva o abraçou para ajudá-lo a andar.

Perto da entrada da Estação Brigadeiro do Metrô, os amigos se depararam com o grupo de jovens, que vinha na direção oposta. "Eles gritaram: 'desgruda, desgruda!'", contou Silva. "A gente se separou e seguimos em frente. Eles passaram e, depois, nos empurraram. O Gilberto caiu e um deles começou a dar socos e chutes nele."

Silva disse ter tentado reagir, sem sucesso. O espancamento durou mais de cinco minutos. "Quando viu o rosto do meu amigo sangrando, ele parou e saiu andando normalmente."

Os jovens vestiam camiseta preta e bermuda jeans e usavam correntes prateadas. O cabelo das mulheres era curto e o do principal agressor, espetado e com luzes. Já Lima disse se recordar apenas que dois dos integrantes do grupo eram carecas e estariam de coturno.

Após o ataque, as vítimas caminharam por mais alguns metros, até Lima desmaiar. "Encontrei um casal e eles ligaram para o 190", afirmou o atendente de telemarketing. PMs levaram Lima para o Hospital do Servidor Público Municipal. Medicado, recebeu alta anteontem. A Polícia Civil deve iniciar hoje a investigação do caso e ouvir os dois amigos. / **ELVIS PEREIRA, SUZANE G. FRUTUOSO e DIANA DANTAS**

Maior parte das denúncias envolve conhecidos da vítima

● Familiares e pessoas conhecidas são apontados como os principais responsáveis pelos casos de homofobia em São Paulo. A constatação é do estudo inédito da Coordenadoria de Diversidade Sexual (Cads). Os dados mostram que 16% dos acusados pelas vítimas eram parentes e 38%, de conhecidos.

Divididos por tipos de agressão, os números revelam que 248 casos foram de violência simbólica (sem ataque físico). Desses, 20% foram cometidos em âmbito doméstico, 58% em público. Foi o que ocorreu com o administrador Sérgio Yashima, de 44 anos, desempregado há um ano, desde que se demitiu da faculdade em que trabalhava. "Colaram um cartaz na minha mesa dizendo 'Há um pai de santo que cura viadagem'." Com a ajuda do Cads, Sérgio entrou com um processo na Justiça contra a universidade. A maioria dos homens vítimas de homofobia tem de 25 a 39 anos (54%) e cursou até o ensino médio (44%). /**D.D.**

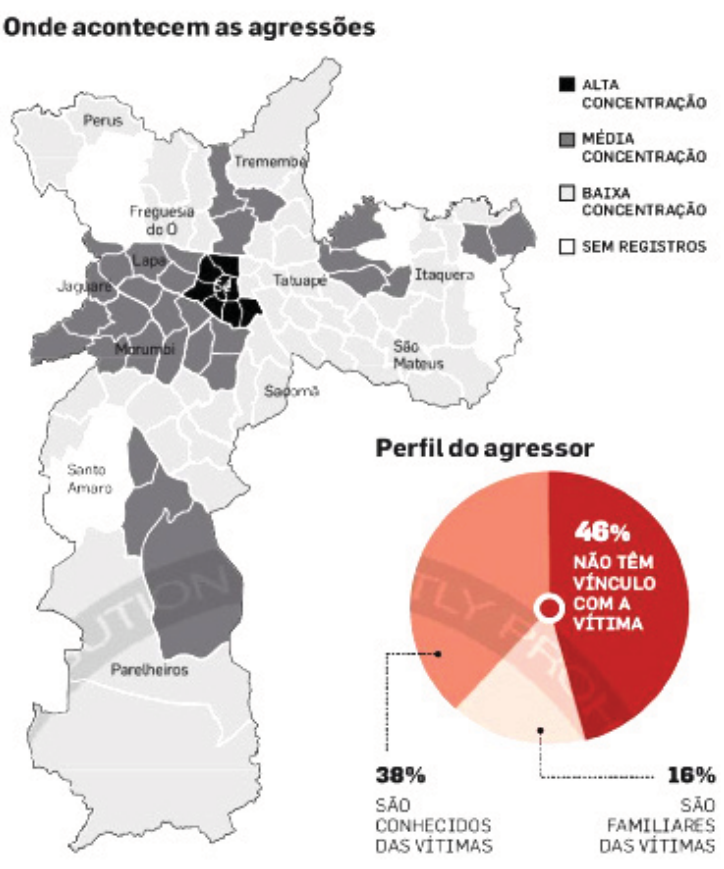
O ATAQUE

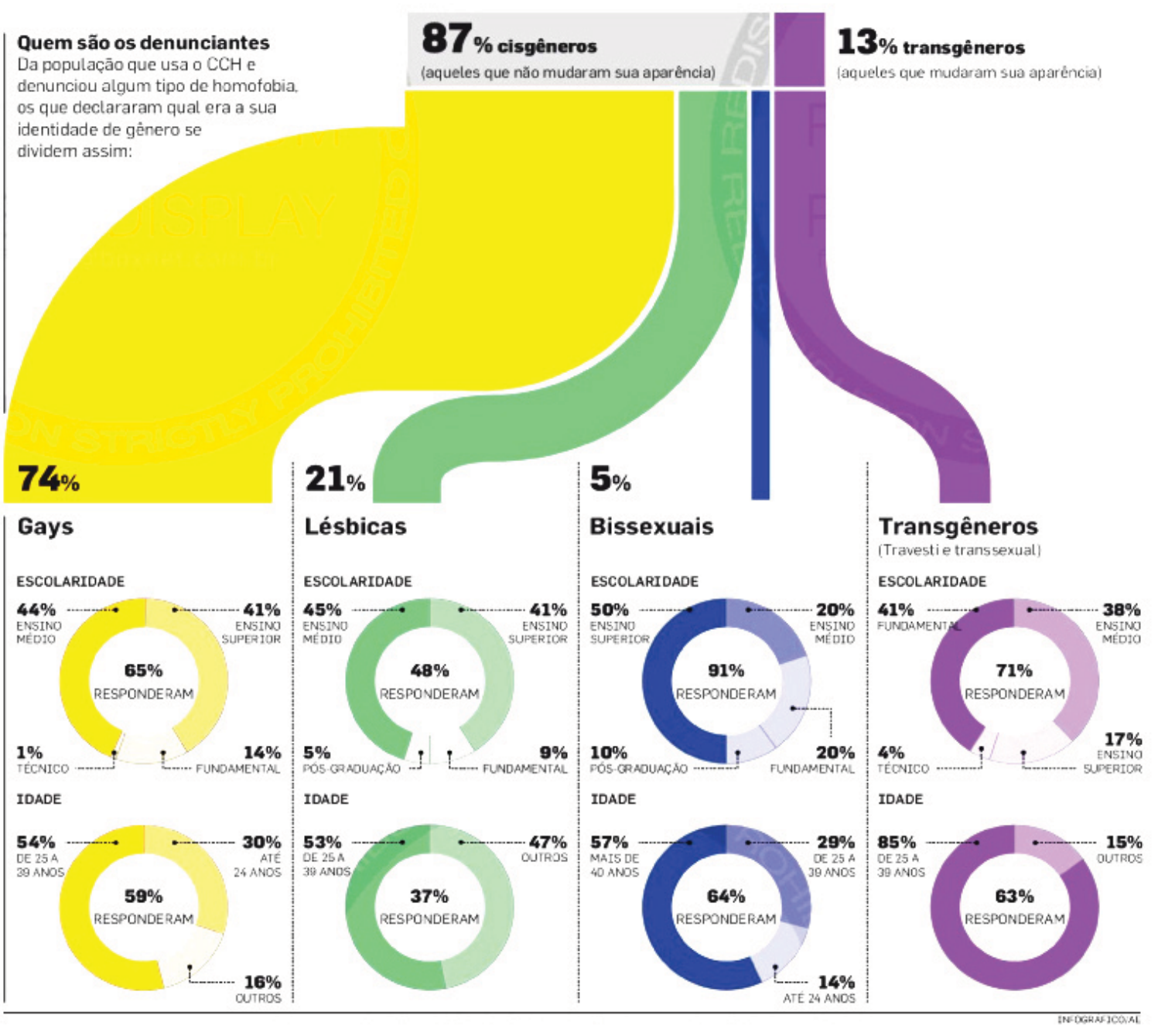
● Gilberto Tranquilino da Silva e Robson Oliveira de Lima foram atacados na Avenida Paulista quando voltavam de uma boate na Rua dos Ingleses. Os agressores eram cinco jovens. Dois deles eram carecas e usavam coturnos

A AGRESSÃO ACONTECEU POR VOLTA DE **5 HORAS DA MANHÃ**

Onde foi

Onde acontecem as agressões





INFOGRAFICO/AE

ENTREVISTA

Robson de Lima, vítima de agressão na Paulista, no sábado

'Acordei só, ensanguentado, com um dente quebrado e olho roxo'

A exemplo do que ocorreu na agressão feita por rapazes na Avenida Paulista, no mês passado, Robson de Lima diz que o ataque de sábado foi desproposital. Segundo ele, não houve nenhuma provocação anterior.

● **Como foi o ataque?**

Como havia bebido um pouco, meu amigo me segurou. Foi nessa hora que eles atacaram. Já levei uma voadora nas costas e caí no chão. Aí recebi vários chutes. Eles xingavam, falavam que era para matar esses veados. Xingavam demais. Acho que estavam de bota e dois deles pareciam ser carecas. Foi tudo muito rápido, coisa de 5 a 10 minutos. Acordei só no hospital, ensanguentado, com um dente quebrado, olho roxo.

● **Pensou em reagir?**

Não tive nenhuma reação. Meu amigo conseguiu correr e ficou gritando por socorro. Foi muito horrível. Do nada, eles vieram agredir a gente... Estou direto na Paulista e nunca achei que fosse acontecer comigo. Ainda estou em estado de choque. É difícil. Eu poderia estar morto.

● **Imaginava que pudesse ser atacado na Paulista após o ataque registrado no mês passado na avenida?**

Acho que a tendência é só aumentar, vão atacar em grupo.

● **Como sua família reagiu?**

Não falei nada, não quero que minha mãe me veja assim. / **ELVIS PEREIRA**

OUTROS CASOS

● **22/4/2006**
O grupo Devastação Punk agride duas lésbicas em um bar na Alameda Santos.

● **10/6/2007**
O turista francês Grégor Erwan Landouar morre depois de ser esfaqueado nos Jardins.

● **28/10/2007**
25 punks espancam e desfiguram o rosto do estudante G.C., de 17 anos, na Avenida Tiradentes, a pouco mais de 100 metros da sede das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota).

● **17/6/2009**
Marcelo Campos Barros morre três dias depois de ser agredido na Parada Gay.

● **14/11/2010**
Cinco jovens são presos por espancar três homens na Avenida Paulista e de roubar outro na Brigadeiro Luís Antônio.

Irmã de 'mártir' diz faltar justiça e tolerância

AYRTON VIGNOLA/AE

Saudade. Benedita quer a criminalização da homofobia

Márcio Pinho

Quando a dona de casa Benedita Julia Eusébio Rodrigues, de 49 anos, passeia com a filha Viviane, de 29, evita manifestações de carinho. Andar de braços dados nem pensar, para não parecerem lésbicas. O trauma começou há dez anos, quando o irmão de Benedita, o adestrador de cães Edson Néris da Silva, foi assassinado por skinheads na Praça da República, centro de São Paulo, quando andava de mãos dadas com o companheiro. Edson, aos 35 anos, foi espancado até a morte. Tornou-se mártir e símbolo da comunidade LGBT na luta pela criminalização da homofobia.

As feridas abertas naquele 6 de fevereiro de 2000 ainda são latentes na vida da família. Ficou em especial o sentimento de que não há Justiça. Os 17 skinheads que estavam no grupo foram presos. Alguns ficaram poucos anos cumprindo pena por formação de quadrilha. Nove foram condenados por homicídio e pegaram penas variadas – 15, 16, 19, até o máximo de 21 anos. Só um segue preso respondendo por outro crime. Os demais foram soltos em razão de progressões.

Benedita afirma que as lembranças a deprimem de vez em quando. Em especial quando há novos casos de violência homofóbica, como os recentes casos da Avenida Paulista. "A intolerância hoje é a mesma ou até maior do que há dez anos. Tem até jovens que não são skinheads, mas compartilham as ideias deles. É triste."

Alegria. Apesar da mágoa, Benedita prefere lembrar de momentos de alegria com o irmão Tione – apelido de Edson. Como quando cruzava a Região Metropolitana, de Itapevi até Ferraz de Vasconcelos, onde ela mora, para jogar conversa fora. "Ele fazia uma limonada, sentávamos na cozinha após a meia-noite e ficávamos falando por horas".

Edson era brincalhão e sempre sorria, "ainda que tivesse todos os problemas do mundo", conta. Havia sido casado, mas dizia que nunca poria filhos no mundo para sofrer. Nunca comentou com os familiares o fato de ser ou não ser homossexual.

Era apaixonado pela natureza e pelos animais. No dia em que morreu, havia passeado com a mãe em um sítio. Saiu à tarde dizendo que visitaria um cliente. À noite, por volta das 23h, telefonou dizendo que voltaria. Pouco mais de uma hora depois, outro telefonema, do hospital, dava conta da morte dele. Dez anos depois, a irmã Benedita é uma das grandes entusiastas da criminalização do homofobia.